

FEMINISMO NAS REDES SOCIAIS: ANÁLISE DAS HOSTILIDADES SOFRIDAS PELAS FEMINISTAS DOLORES ARONOVICH E MADGE PORTO

Pâmela Ferreira da Silva¹

RESUMO

Este artigo desenvolvido durante a disciplina de Análise da Realidade Brasileira, do curso de Comunicação Social/Jornalismo, objetiva analisar a utilização das redes sociais no processo de divulgação e debate do movimento feminista, cujos desdobramentos relacionam-se às situações hostis e vexatórias sofridas por aquelas que se autodenominam militantes da causa. Serão objetos de análise dois casos verificados nas redes sociais: um divulgado nacionalmente, ocorrido com Dolores Aronovich, autora de um blog feminista chamado “Escreva, Lola, Escreva” e o segundo que se sucedeu em âmbito regional com a professora universitária acreana, Madge Porto. Para fundamentar a análise, o estudo ancora-se nos pressupostos dos autores Rubens Figueiredo, Céli Regina Pinto, Fábio Malini; Henrique Antoun e Luís Mauro Sá Martino.

Palavras-chave: Mulheres; Movimento Feminista; Redes Sociais.

ABSTRACT

This article developed during the course of Analysis of Brazilian Reality, of the course of Social Communication / Journalism, aims to analyze the use of social networks in the process of dissemination and debate of the feminist movement, the unfolding of which relates to the hostile and vexatious situations suffered by those who call themselves militants of the cause. Two cases of social networks will be analyzed: one published at the national level with Dolores Aronovich, author of a feminist blog called "Write, Lola, Write" and the second one that happened on a regional level with the university teacher, Madge Porto. To support this analysis we will use authors Rubens Figueiredo, Céli Regina Pinto, Fábio Malini; Henrique Antoun and Luís Mauro Sá Martino.

Key-words: women; feminist movement; social networks.

Introdução

Anteriormente à era digital, às inovações tecnológicas, à globalização e à interação simultânea e instantânea entre as pessoas através de sites da internet e das redes sociais, havia um período em que a informação e a comunicação aconteciam de modo unilateral, uma espécie de monólogo onde uma pessoa falava e as outras simplesmente ouviam, sobre isto Fábio Malini e Henrique Antoun afirmam:

Desde o seu surgimento, a mídia distribuída tem se contraposto através de seus usuários a estes efeitos achatantes de achatamento da diversidade cultural promovida pelos processos de indução e falseamento de opinião típicos desta comunicação unilateral onde poucos falam para muitíssimos. (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 158).

¹ Estudante do 6º período de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal do Acre (UFAC) e estudante do 7º período no Curso de Direito na União Educacional do Norte (UNINORTE).

Processo diferente ocorre hoje, após a incorporação das redes sociais e de informação: canal de mão dupla, onde tanto ouvinte quanto orador podem expressar sua opinião. Nessa linha de raciocínio Rubens Figueiredo diz que:

Com esse novo formato, o ativismo digital substituiu a antiga militância das ruas e criou um novo modelo de relacionamento, quebrando a lógica vertical do *broadcasting*, na qual poucos falam para muitos. Nas redes sociais, muitos falam para muitos ao mesmo tempo. (FIGUEIREDO, 2014, p.76).

Luís Mauro Sá Martino, em seu livro *Teoria das Mídias Digitais*, ao discorrer sobre a teoria de Pierre Lévy fala que:

As transformações da tecnologia permitem um acesso cada vez maior às redes de computadores. Quanto mais o ciberespaço se expande, maior o número de indivíduos e grupos conectados gerando e trocando informações, saberes e conhecimentos. (MARTINO, 2014, p. 28).

Ainda sobre a ideia do advento das novas formas de interação surgidas com a era digital, Fábio Malini e Henri que Antoun (2013) abordam que:

Embora a mídia irradiada de massa seja uma valiosa máquina de construção e destruição instantânea de reputação social, as mídias distribuídas de grupo tem se revelado uma poderosa máquina de criação e sustentação de reputação duradora, funcionando em longo prazo. Enquanto a mídia massiva extrai seu poder da sensação de “todo mundo está falando isso” subentendido em uníssono, as interfaces de usuários encontram o seu poder na sensação de “meu amigo recomendou” ancorado na suposta confiabilidade da fonte da informação. (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 158).

Após essas mudanças as pessoas começaram a entender que compartilhar opiniões, ler e opinar sobre pensamentos alheios constituem oportunidades que emergem no novo cenário informatizado, e que lhes propicia algo constantemente buscado pela humanidade: o direito de ser ouvido, falar e deixar sua impressão. Muitos desses discursos emitidos pelas redes sociais são feitos sem nenhuma limitação moral, ética ou até mesmo jurídica.

A partir disso, abre-se uma brecha para que indivíduos agridam das mais variadas formas possíveis qualquer outra pessoa que tenha um pensamento diverso do seu, ou que não estejam dispostas a entrar em um debate que não enriquecerá de alguma forma o conhecimento já adquirido. Um aspecto importante que potencializa essas agressões é o fato de que as pessoas perdem a timidez quando estão atrás de uma tela de computador ou de um celular e “protegidas” pelo anonimato, sem exposição física, “soltam” as palavras, falam tudo que pensam e o que querem, sem analisar que tudo que foi dito tem uma consequência social.

Portanto, após todos os apontamentos aqui feitos relacionados à inovação do modo de expressar seus ideais e sobre a apropriação desse novo meio pelas comunidades de pessoas que desejam que sua peleja possa ser reconhecida e aceita por outros, é possível afirmar que os movimentos político-sociais, tanto pelo meio ambiente, quanto pelos direitos humanos ou o feminista – que é objeto deste trabalho – estão se reinventado conforme a “digitalização”, levando sua causa para dentro da nova era, na busca de espaço e voz. Corolário a essa visão Fábio Malini e Henrique Antoun (2013) dizem que:

O surgimento desta nova mídia – gerada pelo entrelaçamento das teias da internet com o interativismo do ciberespaço, como resultado do casamento da política de ação direta do novo ativismo com a potência interativa, descentralizadora e anárquica dos sistemas hipermídia – é a explosão do silencioso movimento de sedimentação das comunidades virtuais ao longo destes anos. Seu estrondo pergunta pelo sentido das silenciosas palavras da programação, que construíram a Internet enquanto meio, pois elas trouxeram a tempestade da anarquia para assombrar o horizonte da organização capitalista do mundo globalizado. (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 137).

Para que se possa adentrar na contextualização sobre o feminismo, que há muitos anos vêm levantando diversas bandeiras de caráter social, econômico, político e de gênero, é importante ressaltar que na fala de Fábio Malini e Henrique Antoun, um meio de comunicação ou uma nova tecnologia não é um sujeito de transformações, pelo contrário, um meio só ganha expressão através da atividade de quem se apropria dele e se desenvolve integrando-se as novas potencialidades oferecidas por este.

Histórico da luta feminista

A história dos movimentos feministas é dividida em três ondas, cada uma com sua especificidade. Com o passar dos séculos sempre houve mulheres inconformadas com sua situação de subjugação, invisibilidade e que se rebelaram para mudar sua condição de vida, muitas pagaram caro por esses feitos, perdendo a família, seus direitos e até a vida.

A primeira onda surgiu a partir das últimas décadas do século XIX, quando na Inglaterra, mulheres se uniram para lutar por seus direitos. O primeiro deles foi o direito ao voto. Ficaram conhecidas como sufragantes, promoveram grandes manifestações, fizeram greve de fome, foram presas e o maior símbolo desta época foi Emily Davison que se atirou em frente ao cavalo do rei, durante uma corrida famosa em

Derby, em 1913, que culminou na sua morte. Graças aos movimentos, em 1918, o direito ao voto foi conquistado no Reino Unido. Já no Brasil esse direito só seria reconhecido em 1932.

O movimento feminista por vários motivos foi perdendo força a partir da década de 1930 e só retornaria na década de 1960. No decorrer desses 30 anos, um livro bastante conhecido e que seria fundamental para a segunda onda do feminismo foi publicado por Simone de Beauvoir, intitulado o Segundo Sexo, em 1949. Nele, Beauvoir estabelece uma máxima do feminismo “não se nasce mulher, se torna mulher”.

A década de 1960 foi particularmente importante para o mundo, vários movimentos explodiram nessa época, como o movimento *hippie*, na Califórnia, que propôs uma nova forma de vida, contrariando os valores morais e de consumo. Outro acontecimento de grande importância foi o surgimento da pílula anticoncepcional, dando à mulher uma liberdade sobre as regras de seu corpo, a opção de decisão sobre quando ou não ter um filho. Além destas situações, o descontentamento com a política, a Guerra do Vietnã, outras manifestações de variados grupos, tudo isso propiciou para que o feminismo ressurgisse com toda força, questionando as relações de poder entre homens e mulheres.

No Brasil, a década de 1960 teve um contexto diverso do resto do mundo, vivia-se a ditadura militar, um momento de repressão sobre qualquer forma de manifestação do pensamento que de alguma forma fosse contra os ideais do governo, poucas manifestações ocorreram, pouco se debateu sobre o tema, apenas pequenos grupos permaneceram, todos sob o prisma da ilegalidade e clandestinidade.

Com a redemocratização nos anos 1980 no Brasil, o feminismo teve uma fase de grandes movimentos. A terceira onda fica marcada pelos debates feministas sobre inúmeros temas – violência, sexualidade, igualdade nas relações, luta contra o racismo, etc. Todos esses temas eram debatidos por grupos que muitas vezes até se misturavam com o movimento popular de mulheres, por força dessa interação, as reuniões que antes eram compostas só por mulheres da classe média, agora ganha os bairros pobres e as favelas, o que determinou para um novo ângulo de debate que abrangia as mulheres negras, pobres e sem voz.

De modo geral, a terceira onda caracterizou-se pela profissionalização do debate sobre o tema, a conquista de direitos e intervenção do Estado garantindo proteção através de normas jurídicas, como a Lei Maria da Penha, realização de conferências

para se discutir o assunto, entre outras ações. Por todas essas realizações, Céli Regina Pinto (2010) diz que:

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação – além da clássica dominação de classe –, a dominação do homem sobre a mulher – e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias. (PINTO, 2010, p. 2).

Feminismo e redes sociais

No decorrer da formação das sociedades, a mulher e o homem foram percebendo a importância de reivindicar por melhores condições de vida, por direitos e por equidade, exemplo disso são os militantes pelos direitos dos animais, pela preservação da natureza, pela legalização do aborto ou da maconha.

De acordo com a evolução da sociedade foi desenvolvendo-se também a maneira de reivindicação, que tomou formas diferentes com o passar dos anos. A evolução das novas tecnologias foi fundamental para as mutações não apenas no cotidiano das pessoas, mas também no ato de militar. Neste sentido Fábio Malini e Henrique Antoun discorrem:

Esta mudança implica uma profunda transformação das revoluções. No passado, a indignação das populações acabava capturada por golpes de estado de grupos ideológicos intolerantes e violentos. Hoje as populações reunidas nos movimentos sociais e ações coletivas não precisam que os intermediários falem por elas através das mídias de massa e instituições políticas. A internet gerou uma mídia livre impulsionada por milhões de blogueiros e fermentada pelas redes sociais. A internet se revelou um megaspaço público onde qualquer um tem voz e pode falar por si mesmo. Isto permitiu que os movimentos sociais falassem diretamente através de seus manifestantes sem precisar que líderes e porta-vozes sequestrem seus interesses em nome de fanatismo ideológicos e voracidade econômica. (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 174).

A cada nova tecnologia de informação e comunicação que surge e se incorpora na rotina das comunidades, nasce também um novo método de ampliar o discurso pessoal e coletivo de alguém ou de algum grupo. Diante disso, a migração de atos em defesa de causas ou defesas ideológicas para o ciberespaço foi um processo natural na evolução ou mutação do cotidiano.

As redes sociais na internet constituem um campo rico para militância social. A série de manifestações registradas no Brasil em 2013 é um exemplo disso. Por meio dos sites de redes sociais as pessoas podem estabelecer laços de convivência, trocar informações e gerar engajamento. E isso independente de localização geográfica, pois apenas é necessário o acesso à internet, identificação com a causa e disposição para defendê-la. São em grupos e páginas do Facebook, por exemplo, que a maioria desses movimentos nasceu, cresceu e se popularizou ao ponto de levar milhares de pessoas para as ruas.

Compreender como as redes sociais podem ser usadas pelos movimentos feministas é de suma importância, pois esse espaço pode ser utilizado como um grande aliado tanto na divulgação quanto para denúncias de qualquer tipo de violência sofrida. Afinal de contas, o ciberespaço é uma extensão do social e não uma realidade paralela descolada do que vivemos fora do ambiente digital. Dessa maneira, as redes sociais como Instagram, Facebook, não são “pré-construídas pelas ferramentas, e, sim, apropriadas pelos atores sociais que lhes conferem sentido e que as adaptam para suas práticas sociais” (RECUERO, 2009, apud SANTOS; BARROS, 2015, p. 5).

Os grupos feministas tem se apropriado das redes sociais como espaço de divulgação e discussão de seus ideais, assim a internet tem sido um espaço de incitação aos debates sobre o assunto. Houve um tempo em que para ser um militante de uma causa era preciso ir às ruas, participar de uma manifestação, colar cartazes e sair distribuindo material informativo ou crítico. Hoje as redes sociais se transformaram nas ruas, e os cartazes e os panfletos hoje, são posts.

Militância

A militância feminista formula-se e toma força através dos espaços na internet que proporcionam um debate amplo e diversificado sobre mulheres, gênero, sexualidade e cultura. Nesse sentido, a internet, especialmente as redes sociais tem sido uma ferramenta importante para a iniciativa de protestos e debates. A internet também pode ser vista como uma forma de aproximação entre um grande número de pessoas, isso porque ela quebra as barreiras de diferenciação de classes sociais, origem étnico-raciais, escolaridade, faixa-etária, etc.

Para teorizar todas essas ideias até agora expostas – reunião de inúmeras pessoas que se conhecem, ou não, e o compartilhamento da mesma causa e interação destas a favor da militância – Luís Mauro Sá Martino aborda a teoria da “Cultura da Convergência” criada por Henry Jenkins.

Essa teoria trata da relação entre pessoas que não se conhecem, mas compartilham das mesmas “referências”, interagindo entre si, recriando as mensagens de mídias e as partilhando de volta nas redes sociais. Para melhor compreensão, o autor cita um exemplo, relatado a seguir.

Em 2010, foi lançada uma campanha para os fãs de *Star Wars*, a ideia era refilmar integralmente o filme só que com cenas produzidas pelos próprios internautas, do que jeito que eles quisessem e achassem melhor. As pessoas de qualquer parte do mundo poderiam gravar até quinze segundos e enviar sua versão do filme. O resultado foi o longa *Star Wars Uncut*, feito a partir da interação de pessoas anônimas.

Após esse exemplo e buscando fixar o entendimento, Luís Mauro Sá Martino diz que:

A convergência cultural acontece na interação entre indivíduos que, ao compartilharem mensagens, ideais, valores e mensagens, acrescentam suas próprias contribuições a isso, transformando-os e lançando-os de volta nas redes. (MARTINO, 2014, p. 34).

Mais do que lutar por direitos e iguais para as mulheres, o movimento feminista também questiona as práticas sociais e culturais que constrói e reforçam a desigualdade entre os gêneros. A apropriação dos sites de redes sociais para divulgação da mensagem de igualdade permite que mulheres consigam informações e orientações sobre como combater o machismo. Este também é um espaço importante para denúncia de abusos sofridos pelas mulheres, onde as mesmas podem encontrar apoio de outras pessoas. Para reforçar essa ideia Martino finaliza dizendo:

A convergência é um processo cultural que acontece na mente dos indivíduos na medida em que podem ser estabelecidas conexões entre os elementos da cultura da mídia, isto é, das mensagens que circulam nos meios de comunicação, e a realidade cotidiana. (MARTINO, 2014, p. 35).

As ofensas às feministas

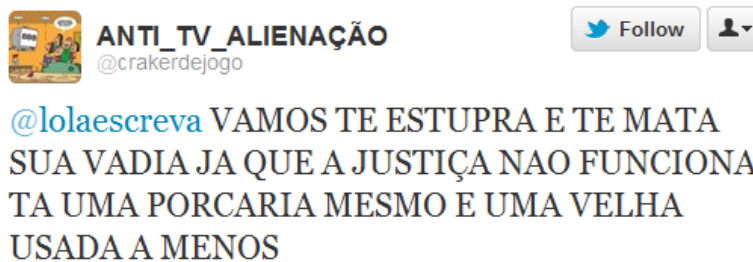
Algumas feministas ao promoverem debates nas redes sociais, ao publicarem sobre acontecimentos, e por simplesmente expressarem sua opinião sofrem graves desrespeitos, injúrias e até mesmo ameaças de morte. É possível constatar esses fatos lamentáveis e reais, a partir de relatos de mulheres militantes do feminismo e que compartilham essas experiências vividas através das redes sociais e em entrevistas sobre o assunto. Sob essa perspectiva serão objetos de análise dois casos abaixo narrados.

O primeiro caso em estudo aconteceu com Dolores Aronovich, professora universitária, autora do blog feminista “Escreva, Lola, escreva”, criado em 2008, que conta com textos autorais e de convidados e obtendo um número de 200 mil acessos mensais. Com o tempo, o blog passou a tratar de outros temas de relevância social, como aceitação do corpo, homofobia e direitos humanos.

Fábio Malini e Henrique Antoun citam esse processo de criação de redes sociais e espaços virtuais apropriados por milhões de blogueiras, como Dolores, usados para militância dos movimentos sociais, como o feminismo e que permitem que os próprios usuários falem por si mesmos.

Assim como já citado, o autor Luís Mauro Sá Martino fala que ao mesmo tempo em que a era digital permite interação instantânea e maior número de indivíduos e grupos conectados, esse convívio *online* sofre ataques sem limites, não havendo nenhuma fiscalização ou qualquer barreira que impeça os ataques criminosos. Alguns exemplos dos ataques abaixo:

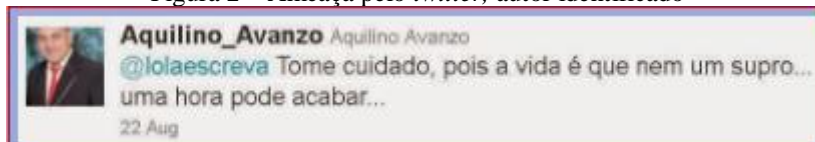
Figura 1- Ameaça de abril de 2012, pelo *twitter*



7:32 PM - 1 Apr 12 via web · Embed this Tweet

Fonte: blog “Escreva, Lola, escreva”

Figura 2 – Ameaça pelo *twitter*, autor identificado



TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

Fonte: blog “Escreva, Lola, escreva”
Figura 3 – Ameaça anônima recebida por Lola
Escreva Lola Escreva · [Comments](#) > [Published](#)

■ VAGABUNDA FILHA DA PUTA TENHO SEU ENDEREÇO COMPLETO JA SEI SEUS HABITOS IREMOS TE VISITAR EM BREVE IREMOS TE ESTUPRAR E TE MATAR VOU TE CORTAR EM 10 PEDAÇOS SOMOS HOMENS HONRADOS,SOMOS SANCTOS IRA VER DO QUE SOMOS CAPAZES on [COMENTARISTAS ESTÚPIDOS E SEUS CLICHÉS DE TODAS AS HORAS](#)

Fonte: blog “Escreva, Lola, escreva”

Lola conta que ao ler as ameaças não se intimida, em geral elas são anônimas, porém há também as que vêm assinadas. Muitas vezes já espalharam o endereço e a foto da fachada da casa dela, também divulgaram o número de telefone e coisas do tipo, e dizem ainda que quando ela for palestrar em algum evento se tornará alvo-fácil de um ataque.

O mais polêmico ataque ofensivo à Dolores ocorreu pelo twitter, onde o humorista Danilo Gentili fez uma piada preconceituosa, que gerou grande repercussão naquela rede social. As pessoas também cansadas de ouvirem esse discurso misógino, não se calaram e defenderam Lola. Essa atitude coletiva de se posicionarem e repercutirem mensagens de apoio e de repúdio aos ataques de Danilo fazem parte dos processos em midiaticização onde as mulheres que partilham dos mesmos ideais, não necessariamente feministas, mas ao menos de respeito ao próximo, acrescentam suas próprias contribuições de desprezo pelo ocorrido e transformam aquele pensamento através de suas concepções, alcançando mais e mais pessoas que estão conectadas a sua rede.

Figura 4 e 5- Piadas preconceituosas por Danilo Gentili



Fonte: *Twitter* Danilo Gentili

O segundo caso em estudo será o que ocorreu no dia 4 de março, no Facebook, em um grupo da Universidade Federal do Acre, a professora universitária e feminista desde os 15 anos, Madge Porto publicou uma imagem que fazia a chamada para um evento que faz parte de um Projeto de Extensão idealizado e realizado por ela.

No convite para uma roda de conversas sobre os “Feminismos”, a professora diz que “estão todas convidadas”, em palavras que se referem apenas a pessoas do gênero feminino, pois a atividade era voltada exclusivamente para este público. Vários homens levantaram um questionamento sobre as razões de o evento ser limitado ao público feminino. O “debate” gerado na própria publicação acabou resultando em desagradáveis situações, comentários irônicos e ofensivos, reforçando as dificuldades enfrentadas pelas feministas ao lutarem por sua causa, principalmente nas redes sociais, explicitando a necessidade de se falar sobre o tema.

Figura 6 – Convite feito pelo Facebook por Madge Porto



Fonte: Grupo da Ufac no Facebook

Para a produção deste trabalho realizou-se uma entrevista com a organizadora do evento, Madge Porto, que pôde explicar melhor suas ideias sobre o feminismo, suas experiências e sua luta pela causa. Ela conta que através das redes sociais o feminismo se apresenta de forma mais efetiva, pois ele era um movimento que já existia, no entanto só agora sua apresentação social se tornou mais contundente, isso graças ao acesso mais rápido à comunicação.

O feminismo, conforme fala da Madge se adequou às redes sociais como forma de expandir seu alcance, através das redes sociais as revoluções mudaram, as pessoas

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

podem falar uma para outras, compartilhar eventos, como este citado acima ou até mesmo questionar a execução destes, todas as posições podem ser válidas desde que enriqueçam o debate.

Madge relata que por muitas vezes ao tentar propor uma reflexão sobre determinado fato e suas consequências, foi confrontada com uma abordagem muito agressiva, especialmente pelos próprios alunos da Universidade. Isto pode ser observado em algumas imagens a seguir retiradas da postagem da figura 6, que exemplificam o que Madge sofre quando tenta realizar seu trabalho.

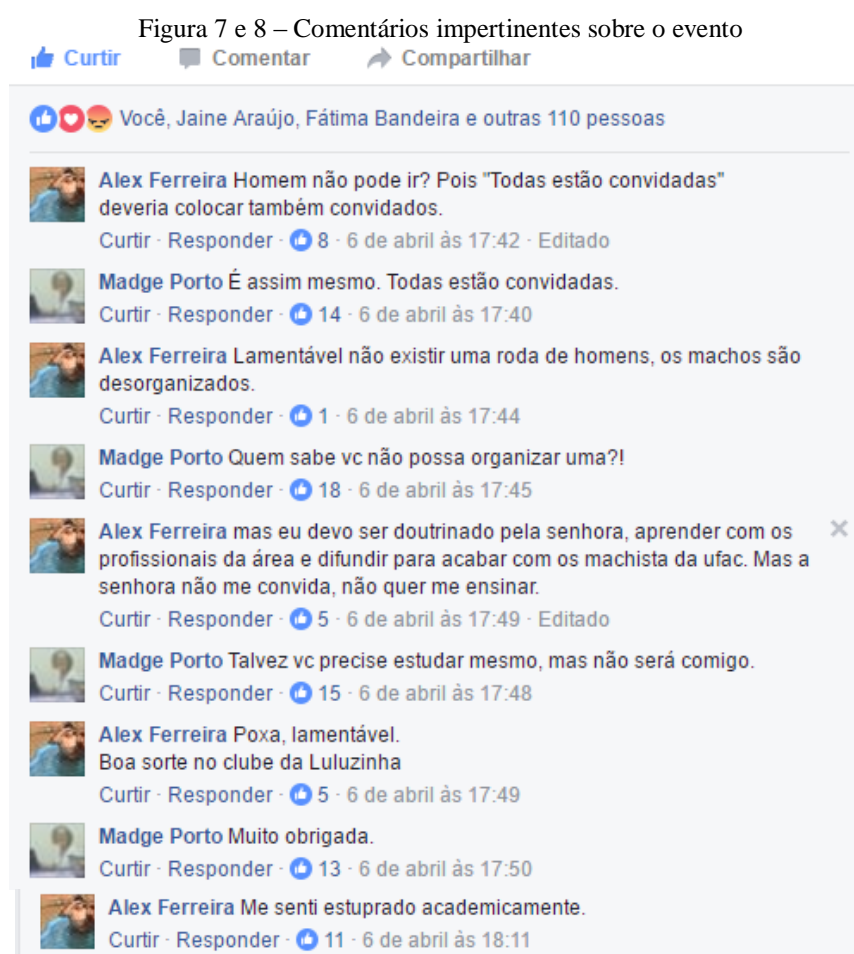


Figura 9 – Comentário burlesco

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA



Fonte: Grupo da Ufac no Facebook

Considerações Finais

Ao longo deste artigo buscou-se refletir sobre os espaços de representatividade das mulheres e como o feminismo se desenvolve no ambiente de rede social – destacadamente o Facebook. A luta feminista ocorre desde o século XIX, passando por conquistas, lutas e perdas. Atualmente, os espaços de discussão se estendem aos ambientes virtuais – dando margem ao que se denomina de ciberfeminismo. As redes sociais propiciam uma ressonância maior sobre o papel, as disputas e a importância do feminismo na atualidade.

As análises das páginas de Dolores Aronovich e Madge Porto apontam para o potencial das redes sociais como espaço de problematização e discussão do papel da mulher na sociedade. Desse modo, o feminismo tem a finalidade de garantir espaço ao que o movimento busca – que é igualdade de gênero. Ao contrário do que muitos pensam o feminismo não pretende colocar a mulher acima dos homens, mas sim em igualdade de direitos, prova disso é que o movimento também batalha pela aceitação social dos homossexuais, por exemplo.

A nova era informatizada e conectada trouxe consigo mudanças políticas, econômicas e sociais na sociedade, sendo necessárias também transformações no comportamento e formas de comunicação a fim de adequar-se ao novo cenário em rede.

Dentro deste contexto é que as feministas Dolores e Madge têm a percepção de que é por meio das redes sociais que o debate sobre o feminismo pode ser lançado. Percebe-se que o espaço em rede possibilita o intercâmbio de informações e o combate a ofensas e abusos. As conversações promovidas no Facebook, por exemplo, possibilitam o estabelecimento de novas problemáticas e a apreensão de novas aberturas para o movimento feminista no espaço midiático da internet e das redes sociais.

Referências

FIGUEIREDO, Rubens. **Junho de 2013: A Sociedade enfrenta o Estado. A “espiral do silêncio” e a escalada da insatisfação.** São Paulo: Summus Editorial, 2014.

PORTO, Madge. Entrevista concedida a **Antoniete Buriti**. Rio Branco, 10 abr. 2017.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **@internet e #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais.** Rio Grande do Sul: Editora Sulina, 2013.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes e redes.** Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SANTOS, Nícia de Oliveira; BARROS, Jordana Fonseca. **O movimento feminista no Facebook: uma análise das páginas Moça, você é machista e Feminismo sem demagogia.** Simpósio Internacional de Tecnologia e Narrativas Digitais. Maranhão, dez, 2015. Disponível em: <<http://www.labcomdata.com.br/wp-content/uploads/2015/12/SantosNdeOBarrosJFPaper.pdf>>. Data de acesso: 10 abr. 2017.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder.** Revista de Sociologia e Política. Rio de Janeiro, v. 18, nº 36: 15-23 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Data do acesso: 10 abr. 2017.